



## **Estudos da recepção: *A culpa é das estrelas* e as “modinhas literárias”<sup>1</sup>**

Luana Laise de Araújo<sup>2</sup>

Tobias Arruda Queiroz<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

### **Resumo:**

O presente artigo tem como objetivo principal analisar, as chamadas “modinhas literárias”, livros que ganham fama por conta do *marketing* exagerado. Para isso iremos usar como exemplo a obra de John Green, “*A culpa é das estrelas*”, frente a essas “modinhas”, e realizaremos um breve estudo sobre sua recepção. Faremos uma leitura superficial do conteúdo do livro em questão e iremos discutir o que muita gente se pergunta em relação a ele, “O livro é mesmo bom, ou é apenas lido por todos, por ser mais uma ‘modinha’”? Ainda discutiremos o que esses livros representam no mundo literário, e a mudança que eles proporcionaram a seu público, o infanto-juvenil.

**Palavras-chave:** “Modinhas literárias”, *A culpa é das estrelas*, leitura, recepção.

### **1 Introdução**

Desde os anos 1990 com a popularização da internet, é perceptível o crescente fluxo neste meio. Hoje a internet é disponível para um número cada vez maior da população, as pessoas sempre compartilham aquilo que gostam, tanto filmes, como livros e séries, livremente divulgados nos meios de comunicação. E é aqui que se iniciam as modas virtuais.

Atualmente, há uma espécie de “moda”, que parte tanto da música, como de filmes, e hoje em dia no que mais se fala no mundo literário virtual, ou seja, comunidades do *Facebook*, sites literários e clubes de livros são sobre essas “modinhas literárias”<sup>3</sup>.

[...] trata-se de livros que são super divulgados através do marketing exagerado pesado de editoras e alguns blogs literários entre outros meios, com elogios em excesso que muitas vezes não retratam fielmente a verdadeira qualidade da leitura, atraindo assim milhares de leitores que acreditam que este ou aquele seja o melhor livro que já existiu e no caso da modinha nem sempre é o caso (SILVA, 2014, s/p).

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos interdisciplinares da comunicação do XVII Congresso de Ciências da comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

<sup>2</sup>Estudante de Graduação 6º. semestre do curso de Jornalismo da FAFIC-UERN, email: luana.laise@hotmail.com

<sup>3</sup>Orientador do trabalho. Professor do curso de jornalismo da FAFIC-UERN, email: tobiasqueiroz@uern.br

<sup>3</sup>Modinhas literárias é uma expressão usada no mundo literário virtual, por blogueiros, comunidades literárias, ou leitores para definir livro famosos, vedem muito e fazem sucesso e todos querem ler. Para Mikael C. Nogueira que escreve para o blog *Divisão Literária*, “os livros que fazem sucesso um pouco mais elevado que os demais acabam caindo na categoria de modinha”. Essa fama se dá a livros que são divulgados exageradamente por editoras famosas, e pelos fãs. No entanto a expressão “modinha literária” aqui não é usada de forma pejorativa.



O mundo virtual é o maior divulgador desses livros, são constantes as frases impactantes e diálogos que são compartilhadas em redes sociais como *Tumblr*, *Facebook*, *Twitter*, por quem já leu os livros, por quem nunca leu, mas finge que leu ou só compartilha por que acha bonitinho, pois “a divulgação influencia e muito o desejo de ler tais livros, claro que se têm várias pessoas [...] ressaltando mil pontos positivos da leitura, você como bom leitor acaba ficando sedento pela leitura” (SILVA, 2014, s/p).

Essas “modinhas literárias” fez crescer a demanda por livros, nunca se leu tanto quanto atualmente. Os jovens estão cada vez mais interessados pela leitura, segundo o a Rede Globo, e são essas “modinhas” as mais procuradas nas livrarias. No entanto, muitos acreditam que esses livros são vendidos apenas pela fama, que seus conteúdos não são bons, por outro lado, há aqueles que acreditam que não é por que um livro é taxado de “modinha”, pelos próprios leitores, significa que ele seja ruim. É sob esse aspecto que o presente artigo procurará analisar um pouco mais dessas “modinhas”, usando como modelo o livro de John Green (2012) “*The fault in our stars*”, ou “*A culpa é das estrelas*”, no Brasil. Abordaremos as concepções de leitura, a questão de gosto, e por fim, a obra de Green, frente a essas “modinhas literárias” e sua recepção.

## **2 O que significa ler?**

Antes de analisar um estudo mais profundo do tema em questão, é importante esclarecer alguns conceitos que irão contribuir para que entendamos melhor o objeto de análise proposto. A princípio iremos saber é a leitura

[...] ler pode ser definido pelo olhar: perspectiva de quem olha: de quem lança um olhar sobre o objeto, sobre o texto, seja ele verbal ou não. Esse olhar pode ser direto, atravessado ou enviesado, conforme o leitor, o espectador, o observador, sua bagagem de vida, o contexto social no qual se insere: momento e espaço (lugar) suas expectativas, que alguns denominam projeto, intenção ou objetivo (CORACINI, 1987, p. 19).

O significado da leitura é dado por quem lê, o sentido do texto se dá de forma diferente em cada ser humano, não há uma homogeneidade na leitura do texto, e nunca haverá, o entendimento se dá de maneira diferente em cada indivíduo, isso dependerá do gosto, do ambiente no qual o indivíduo está inserido, sua cultura, o momento. Enfim, quando se fala de um texto, irão existir várias opiniões em relação a ele, sendo elas, positivas,



negativas ou neutras. Pois segundo Lévy (1995, p. 36): “[...] os sentidos atribuídos a uma realidade, a um texto, a um fato, correspondem à verdade, e que essa verdade nos pertence”.

Após sabermos o que é a leitura em si, podemos ir mais a fundo, e falar da leitura enquanto decodificação e interação. Leitura como decodificação, é uma descoberta de sentido, o significado sempre vai estar nas palavras contidas no texto, e a função do leitor vai ser resgatar esse significado. “Trata-se da visão essencialista da leitura: acredita-se na existência de uma essência e nossa tarefa seria a de busca-la, resgatá-la, capturá-la” (CORACINI, 2005, p. 20). E a leitura como interação, como já diz o nome, é o momento de interação entre leitor e autor, é onde o leitor se vê “frente a frente” com o autor do livro.

No caso da interação, como o próprio nome indica, a leitura constitui um processo cognitivo que coloca o leitor em frente do autor do texto ou da obra, seja ela de que natureza for, o autor que deixaria marcas, pistas de sua autoria, de suas intenções, determinadas para o(s) sentido(s) possível(eis) e com o qual o leitor interagiria para construir esse(s) sentido(s) (CORACINI, 2005, p. 21).

Deste modo quando vamos falar em livros sejam eles nomeados de “modinha” ou os chamados clássicos, sabemos que irá existir várias opiniões em relação ao assunto, muitos vão dizer que são apenas mais livros sem nenhum aproveitamento para a formação de um indivíduo, que seu enorme sucesso de vendas é atribuído apenas à fama, outros irão defender a todo custo os livros que os cativaram, pois “no final das contas não importa se o livro é ‘modinha’ ou não [...] temos que saber filtrar as informações [...], é tudo questão de gosto” (SILVA, 2014, s/p). E como diz Aione Simões (2012, s/p): “é importante lembrar, que cada leitura adquire um significado e uma importância diferente para cada leitor. Assim, o que pode ter sido uma experiência medonha para um, pode ter sido a mais incrível viagem e lição de vida para outro”. No entanto, se esses livros são mesmos ruins, qual o motivo de tanta fama?

### **3 As modinhas literárias**

Atualmente no mundo literário virtual, em blogs, comunidades do *Facebook*, o que mais se debate é sobre “modinhas literárias”. Mas qual seria o significado real desse termo? De acordo com Maac Goveia (2003) significa tendência, gosto passageiro por aquilo que todo mundo usa, o gosto do momento. “[...] Modinha seria um livro que todo mundo adora – ou finge que adora”. Um livro é lançado, faz um enorme sucesso e todos querem adquiri-lo.



Um livro sobre fantasias surge, faz sucesso e diversos autores querendo acompanhar essa fama, essa demanda de livros em grande escala, lança seus livros com um conteúdo parecido, nem sempre tão bons, mas então desencadeia uma fama enorme.

Existe a “modinha” da fantasia, que começou com o enorme sucesso de vendas de J.K. Rowling, autora dos sete livros da saga “*Harry Potter*”, que fez um enorme sucesso em todo mundo, logo surgiu vários livros com o mesmo assunto, tentando se aproveitar da fama da saga. A dos vampiros, começando com Stephanie Meyer que emplacou um sucesso de vendas com seus livros sobre vampiros e lobisomens, a saga “*Crepúsculo*”, eis que daí surge livros de toda parte falando sobre vampiros perfeitos e amores impossíveis, como o de Bella e Edward da saga de Meyer. A moda das sociedades secretas, “*Código da Vinci*”, a de histórias de lutas e sobrevivência, “*Jogos vorazes*”, a do erotismo, com *Cinquenta tons de cinza*.

Os leitores por sua vez, ao adquirir essas obras, postam em suas redes sociais e falam constantemente do livro, desta forma, a divulgação só tende a crescer, e por consequência a demanda sobe. Nos meios de comunicação virtual há uma divulgação assídua, sendo por meio de frases impactantes, camisetas, objetos que lembrem o livro, ou que estão presentes na história, tudo para que o livro seja mais divulgado, e a todo custo ganhar dinheiro dos fãs.

O devemos entender é que no mercado encontramos cada vez mais livros com assuntos repetitivos, com histórias em sua maioria sobre ficção fantástica. No entanto, não podemos afirmar que são livros bons ou ruins, e sim ter consciência que uma leitura só pode ser classificada de acordo com sua recepção. Não podemos generalizar, e dizer que todo livro pertencente a essa tão imensa lista de “modinhas”, são ruins, o entendimento e o gosto do indivíduo que irá decidir isso.

Muitos leitores começam sua jornada na leitura lendo livros que estão na moda, independentemente para que fins é importante que saibamos, que mesmo que alguns livros abordem temas leves, ou mesmo fantásticos, o público destes, estão lendo, o que é de todo importante. O que devemos considerar também são os critérios de gosto, a opção de escolha que todos temos.

Examinemos portanto essa alma, estudemo-la em suas ações e paixões busquemo-la em seus prazeres: é aí em que ela mais se revela. A poesia, a pintura, a escultura, a arquitetura, a música, a dança, os diferentes tipos de jogos, as obras da natureza, enfim, podem dar-lhe prazer: vejamos por que, como e quando isso acontece, entendamos nossos sentimentos: isso poderá contribuir para a construção do nosso gosto, que nada mais é senão a vantagem de descobrir com sutileza e presteza a medida do prazer que cada coisa deve dar as pessoas (MONTESQUIEU, 1755, p. 12).

#### **4 Lendo modinhas**



Atualmente o que mais vemos no mercado são os ditos livros famosos, o que devemos levar em consideração é que, a partir dessas leituras, surge o gosto de ler, de possuir um livro, o público adolescente, está crescendo com um livro na mão. O que nos leva a crer que existe algo de positivo. Segundo Natan (2013): “Esta epidemia de livros e aumento de vendas é no fim das contas boa para a literatura brasileira, uma vez que mais livros, significam mais pessoas lendo”.

Antes dessa avalanche de sagas, trilogias, *Best-Sellers*, e afins, era quase raro ver um adolescente lendo, e isso é uma realidade diferente em nossos dias atuais. Com o surgimento dessas “modinhas”, muitos jovens adquiriram o hábito de ler, pois são esses livros com assuntos de fácil entendimento, com histórias que predem o público infanto-juvenil. Como diz Marília Tasso (2013): “Com essas modinhas, muitas pessoas adquiriram o hábito da leitura, o que é indiscutivelmente bom”.

Segundo uma pesquisa realizada no G1, no Brasil nunca se vendeu tantos livros, a demanda de livros vem crescendo, e o interesse na leitura também. Os jovens estão lendo cada vez mais, e muitos desses acabam tomando gosto pela leitura ao lerem esses livros que estão tomando conta do mundo, as tais “modinhas”, um conceito que faz tanto aumentar o interesse de uns pelo livro, como do mesmo modo, faz outros perderem o interesse em adquirir tal livro. Como comenta Maac Goveia (2013, s/p) “Muita gente acaba nem lendo esses livros populares e idolatrados [...] por dizer que todo mundo quer ler, só por que está na moda”.

Primeiramente devemos ter a consciência que, atualmente, quando uma obra é criada, ela já vem com a intenção de ser exposta, vendida, e a fama é mais uma consequência. Como disse Walter Benjamin (1955, p. 8): “Seu objetivo é tornar ‘mostráveis’, sob certas condições sociais, determinadas ações onde todos possam [...] compreende-las”. E quando um livro é famoso, mesmo que seja taxado de “modinha”, nem sempre significa que ele só é vendido, e lido, somente por ser famoso. Como diz Luciana Tazinazzo (2012): “Um sucesso de vendas não deve desmerecer o trabalho de um autor, porque, por mais que ‘modinhas’ irrite, às vezes surgem obras de qualidade neste meio”.

### **5 A culpa é das Estrelas e as “modinhas literárias”**

Janeiro de 2012, ano do lançamento de um dos maiores sucessos de vendas em todo mundo. A obra “*The fault in our stars*”, ou “*A culpa é das estrelas*”, publicada nos Estados Unidos em janeiro de 2012 e no Brasil em setembro do mesmo ano, foi o livro que



desencadeou a fama de John Green autor do livro. Antes mesmo do seu lançamento já reunia um grande número de fãs. Uma das obras mais vendidas nas livrarias brasileiras, com 420 mil cópias vendidas pela editora Intrínseca, desde o seu lançamento no país, e com mais de um milhão de cópias vendidas nos Estados Unidos. O livro que deu origem ao filme lançado em junho de 2014 no Brasil, um dos filmes mais vistos.

“*A culpa é das estrelas*”, é uma narrativa do ponto de vista da protagonista Hazel Grace de 16 anos, que sofre de câncer de tireoide com metástase nos pulmões, personagem inspirado em um drama real, que leva uma “sobrevida”, pois ela tem uma sentença de morte indefinível desde seus 13 anos, controlada por uma nova droga experimental. Hazel vê sua vida mudar quando conhece num grupo de apoio para crianças com câncer, que sua mãe a obriga a frequentar, o também protagonista Augustus Waters de 17 anos, o Gus, como todos os chamam, portador de câncer ósseo e amputado de uma perna. A partir daí que o romance se desenvolve, eles começam a viver intensamente, como se o amanhã não houvesse, compartilhando seus medos e dificuldades.

A narrativa faz referência a um trecho da peça “*Júlio César*” (Ato I, cena 2) de Shakespeare “A culpa, caro Brutus, não está nas estrelas, mas em nós mesmos, que consentimos ser inferiores”. Green (2012), no site oficial brasileiro da editora Intrínseca, comenta sobre essa referência dizendo:

Bem, isso é válido quando estamos falando de Bruto e de Cássio. Mas não quando estamos falando de outras pessoas. Muitas delas sofrem desnecessariamente, não porque fizeram algo de errado nem porque são más ou sei lá o quê, mas porque dão azar. Na verdade, as estrelas têm muita culpa, sim, e eu quis escrever um livro sobre como vivemos num mundo que não é justo, e sobre ser ou não possível viver uma vida plena e significativa mesmo que não se chegue a vivê-la num grande palco, como Cássio e Bruto (GREEN, 2012, s/p).

Os personagens criados por John Green, Hazel com seu cilindro de oxigênio, e Augustus com sua prótese na perna, encantaram o público, com sua história que nas palavras contidas na capa do livro de Green, palavras de Makus Zuzac (2012), autor de “*A menina que roubava livros*”: “Você vai rir, vai chorar e ainda vai querer mais”. Um livro nos envolve pela surpresa a cada página lida.

Até aqui foi falado sobre a história dos personagens de Green, todavia, mostrado de um modo lírico. No entanto, poderíamos dizer, que essa história pode nos surpreender cada vez mais, que não é apenas mais um romance repetitivo, ideológico, com os protagonistas portadores de câncer. Ao escrever o livro, o autor não o encheu de melancolia, ou apelou para



o sentimentalismo exacerbado, mesmo que em alguns momentos ele emocione, Green escreveu uma história para se parecer com a realidade, mostrando que, não é por que o livro conta uma história fictícia, que o conteúdo vai fugir do que é real. Como diz Cristal Mendonça no site *Amazon*, numa avaliação do livro “*A culpa é das estrelas*”: “‘A culpa é das estrelas’ não obedece a tradicional receita dos romances cujo o câncer é o foco da narrativa”. O romance conquistou o mundo por sua diferenciação, por dar ao público não aquilo que todos esperavam, a felicidade plena dos personagens, mas por surpreender com cada rumo que a história toma.

Essa disposição da alma que a conduz sempre na direção de diferentes objetos faz com que ela aprecie todos os prazeres que advêm da surpresa, sentimento que agrada à alma pelo espetáculo e pela imediatez da ação: a alma percebe ou sente algo que não esperava, ou percebe ou sente de um modo que não previa (MONTESQUIEU, 1755, p. 37).

Nessa história o autor deixa transparecer sua sensibilidade, e mais, sua visão sobre o que é a vida, pois o livro em questão pode ser uma narrativa do ponto de vista de uma paciente terminal de câncer, no entanto, esse não é o foco da leitura, Green escreve sobre a vida e a morte, não sobre o câncer. Como ele mesmo diz (2012): “[...] Eu quis escrever um livro sobre como vivemos num mundo que não é justo, e sobre ser ou não possível viver uma vida plena e significativa”. E como diz Walter Benjamin (1955, p. 3): “Orientar a realidade em função das massas e as massas em função da realidade é um processo de imenso alcance, tanto para o pensamento como para a intuição”. E Green soube usar essa arma a seu favor, ele inseriu o leitor na sua história, mostrou que uma ficção pode se aproximar da realidade, e fazer o leitor viver aquilo que está lendo. É como diz o leitor Erick Amancio, na página de debates sobre o livro, na rede social *Skoob*: “Acho incrível como uma pessoa cria uma ficção em torno de uma doença e a deixa tão real”.

E é aqui que vemos que livros taxados como “modinhas” são bons aos olhos de seus receptores e que vale o tempo e o dinheiro gastos.

*A culpa é das estrelas*, segundo seu público, é lição de vida, uma força a mais ao paciente com câncer. E não é a toa que está entre um dos livros mais vendidos, é uma história com conteúdo bom, que diverte, emociona uma enxurrada de sentimentos em um só livro. Como diz a leitora Carolina Gurgel no site *Amazon*: “Um livro que nos faz sentir todos os tipos de sentimentos, uma avalanche de emoções”.

## **Considerações finais**



O que pudemos ver é que um autor publica o livro, com o conteúdo que agrada um certo público, tem um grande número de vendas, o livro fica famoso, e logo é taxado de “modinha”, por que todo mundo conhece e está comprando. No entanto, o termo “modinha” vai além da fama, no entanto existe certo preconceito, ao se falar nessas obras.

Como havia sido proposto inicialmente, o presente artigo buscou através da obra de John Green, *A culpa é das estrelas*, mostrar que não é por que um livro seja “modinha”, significa que ele vai ser pobre de conteúdo, pois os livros cativam, e não importam o conteúdo, público ou sua fama.

Pudemos ver que a narrativa aqui analisada, segundo sua recepção, apresenta todos os pontos essenciais de um conteúdo extremamente incrível, com história fascinante, que prende o leitor, um livro que nos faz enxergar a realidade, nos faz esquecer o mundo quando está lendo.

No entanto, como nada são apenas flores, existem opiniões contrárias que devem ser respeitadas, pois não há um único sentido no texto, cada ser humano se apossa de um texto e interpreta de sua maneira. O que precisamos entender é que podemos sim escolher um livro para um momento de lazer, e este não precisa ser carregado de palavras difíceis, ou simplesmente retratar a cultura de um povo, o livro pode ser de fácil entendimento, contendo uma história que nos distraia apenas.

Acreditamos que o ato de ler, não seja apenas uma mera distração que não nos vai servir de nada, pois ao ler um livro, mesmo que esse não seja sobrecarregado com um conteúdo de difícil entendimento, consideramos que todo livro tem sua pitada de cultura, e que vai de certa forma contribuir de algum modo em nosso intelecto, pois ler nunca será uma perda de tempo. Enfim, um livro “modinha” pode ser tão cheio de cultura quanto um livro clássico, não é por que é “modinha”, que irá ser sem nenhum valor. O que não podemos é generalizar.

## **Referências Bibliográficas**

AMAZON, **Avaliação de leitores a culpa é das estrelas**. São Paulo. 28 out. 2013. Disponível em: <<http://www.amazon.com.br/product-reviews/B009M8CTWS>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

AYRES, Nicole. *Proseando: Modinhas literárias*. **Homo Literatus**. Rio de Janeiro, 14 set. 2013. Disponível em: <<http://homoliteratus.com/proseando-modinhas-literarias/>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

BEIJAMIM, W. **A obra de arte na Era de sua reprodutibilidade técnica**. 1955.





CORACINI, M. J. **Concepções de leitura na (pós) modernidade**. Regina Lima (org.) *Leituras: múltiplos olhares*. São João da Boa Vista, SP: Unilaob, 2005. p. 15-43.

G1, **Cinema**. São Paulo 09 jan. 2014. Disponível em: <<http://m.g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2014/01/revista-divulga-cena-romantica-do-filme-culpa-e-das-estrelas.html>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

G1, **Tecnologias e games**. São Paulo 06 dez. 2012. Disponível em: <<http://m.g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/12/amazon-lanca-site-em-portugues-e-anuncia-kindle-no-brasil-por-r-300.html>>. Acesso em: 09 fev. 2014.

GOVEIA, Maac. Plebiscito #08 – modinhas. **Mas que livros**, 18 jul. 2013. Disponível em: <<http://maisquelivros.blogspot.com/2013/07/plebiscito-08-modinhas.html?m=1>>. Acesso em 02 de jan. de 2014.

GREEN, J. **A culpa é das estrelas**. Trad. Renata Pettengill. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca, 2013.

GREEN, John. **Perguntas e respostas**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.aculpaedasestrelas.com.br/>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

IBA, blog. **Resenha a culpa é das estrelas**. 10 mai. 2013. Disponível em: <<http://www.iba.com.br/blog/iba/2013/05/resenha-a-culpa-e-das-estrelas/>>. Acesso em: 16 jan. 2014.

LASSO, Marília. Modinhas literárias. **Pitada de cinema cult**. 08 abr. 2013. Disponível em: <<http://pitadadecinema.blogspot.com.br/2013/04/modinhas-literarias.html>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

LÉVY, P. **O que é virtual?** Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo, SP: Editora 34, 1998.

MONTESQUIEU, C. **O gosto**. Trad. Paulo Teixeira Coelho. São Paulo: Iluminuras, 2005.

NOGUEIRA, Mikael. A importância dos livros “modinha”, **Divisão literária**. 21 out. 2013. Disponível em: <<http://divisaoliteraria.blogspot.in/2013/10/a-importancia-dos-livros-modinha.html?m=1>>. Acesso em: 08 fev. 2014.

ROCHA, R. O que faz de uma obra um clássico ? **Revista Poésis**. Santa Catarina, n. 11, p. 191-2013, 2008. Disponível em: <[http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis11/Poesis\\_11\\_entrevistas.pdf](http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis11/Poesis_11_entrevistas.pdf)>. Acesso em: 29 jan. 2014.

SILVA, Delmara. Modinhas? **Sou bibliófila**. Bahia, 26 jan. 2014. Disponível em: <<http://soubibliofila.blogspot.com.br/2014/01/modinhas.html>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

SIMÕES, Aione. A cultura e os livros modinhas, **Minha vida literária**. São Paulo, 10 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.minhavidaliteraria.com.br/2012/12/a-cultura-e-os-livros-da-moda.html#.UuhIwj25e1s>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

SKOOB, **Debates**. 21 Ago. 2013 Disponível em: <<http://www.skoob.com.br/debate/topico/2158>>. Acesso em: 07 jan. 2014.

TAZINAZZO, Luciana. A culpa é das estrelas, de John Green, **Aceita um leite?** 14 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.aceitaumleite.com/2012/08/a-culpa-e-das-estrelas-de-john-green.html?m=1>>. Acesso em: 14 jan. 2014.